



# NÃO AGUENTO MAIS

Encarando as insatisfações  
no mundo do trabalho



FÓRUM  
CRISTÃO DE  
PROFISSIONAIS

# NÃO AGUENTO MAIS

Encarando as insatisfações  
no mundo do trabalho

*Ed René Kivitz*



FÓRUM  
CRISTÃO DE  
PROFISSIONAIS

*Desde que grassa a conversa de auto-realização profissional, trata-se o trabalho cada vez menos de ganhapão e, muito mais, de prazer e de sentido.*

*[Judith Mair]*

*Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo.*

*[Paulo, Apóstolo]*

O brasileiro é o segundo povo mais insatisfeito com o seu emprego. A pesquisa, realizada em 2010 pela empresa holandesa Philips, foi desenvolvida em 23 países e envolveu mais de 30 mil profissionais. A média mundial de insatisfação com o trabalho é 9%, mas no Brasil esse número salta para impressionantes 31%. Apenas o Japão, com índice de 41%, detém a pior marca nesta comparação.

A perda do emprego é o tema mais apontado para o estresse do trabalhador brasileiro, atingindo 73% das pessoas, seguido de outras questões financeiras, como honrar compromissos e contas, além de ter dinheiro para poupar. Segundo a Philips, o fator emprego, por si só, é estressante para 65% dos entrevistados. Outros fatores de insatisfação podem ser identificados:

- *Carga horária*
- *Colegas de trabalho*
- *Lideranças abusivas*
  - Excesso de exigências*
  - Desorganização*
  - Assédio moral*
  - Ausência de critérios*
  - Controle excessivo*
- *Competitividade sem tréguas*
- *Sobrecarga de tarefas e responsabilidades*
- *Falta de reconhecimento*
- *Baixa remuneração*
- *Inadequação às atividades*
- *Políticas da empresa*
- *Mudanças constantes*
- *Instabilidade [incerteza quanto ao futuro]*
- *Conflitos éticos com a empresa ou colegas de trabalho*

## SINAIS DE INSATISFAÇÃO

Max Gehringer comenta que a constatação de que estamos insatisfeitos no trabalho “nada tem de anormal, porque várias pesquisas através dos anos vêm mostrando que insatisfação no trabalho é como colesterol: todo mundo tem e pode ser bom ou ruim”. Mas faz distinção entre a insatisfação positiva e negativa. Afirmar que “os insatisfeitos se dividem em duas categorias: a primeira é a dos que estão insatisfeitos consigo mesmos. Essa é a insatisfação positiva, porque força a pessoa a tomar atitudes, como estudar, se aperfeiçoar ou se esforçar para ser mais produtiva nas tarefas e mais política nos relacionamentos”. A insatisfação negativa é característica “dos que acreditam que a culpa é dos outros. Esse é o perigo, porque a situação só vai piorar a cada dia que passa e, no mais das vezes, acaba resultando na perda do emprego. Veja o que Gehringer considera os cinco sinais da insatisfação negativa:

1. *A sensação de isolamento. A pessoa se sente como se não fizesse parte do ambiente de trabalho.*
2. *A relação com o chefe direto. Ela é conflitante, ou pior ainda, é distante.*
3. *A falta de integração. A pessoa nunca é convidada a participar de atividades que fogem da rotina de trabalho, dentro ou fora da empresa.*
4. *A sensação de inutilidade. O trabalho está abaixo de sua capacidade, e muito abaixo de seu potencial.*
5. *A percepção de que a carreira estacionou. Porque colegas menos qualificados já receberam aumentos ou foram promovidos.*

Gehringer conclui que “quando esses cinco sinais se juntam, a pessoa vai para a marca do pênalti. E numa futura entrevista, terá dificuldade para responder à pergunta: qual foi o motivo de sua demissão? Foi inveja dos colegas, incompetência do chefe, miopia da empresa? Não, foi apenas a incapacidade para transformar a insatisfação negativa em insatisfação positiva”.

## A INSATISFAÇÃO FAZ PARTE

A impressão que se tem é que o universo de pessoas satisfeitas com seu emprego, sua carreira, seu ambiente e sua dinâmica de trabalho é muito restrito. Pelo menos é o que se constata nos resultados da pesquisa feita pela empresa de recursos humanos HLCA Human Learning com dez mil profissionais de empresas de médio e grande porte de todo o país: 78% dos entrevistados responderam que não estão felizes, contra somente 18% que afirmaram que estão felizes, enquanto 4% não souberam responder.<sup>1</sup>

A consultora Marina Vergili, vice-presidente da Fesa

1- Portal APRENDIZ: <http://www2.uol.com.br/aprendiz>

Global Recruiters (empresa de recrutamento de executivos), considera perfeitamente aceitável o índice de 78% de pessoas que se dizem infelizes ou insatisfeitas no trabalho. “Não estou menosprezando a insatisfação do ser humano em sua atividade profissional, mas também não acho que exista um emprego que vá satisfazer 100% o ser humano. Sempre vai haver algum problema. Se estiver tudo perfeito, o profissional se acomoda. A insatisfação estimula a busca por melhores condições de trabalho, por melhores salários.”

## COMPLEXIDADE

A insatisfação no/com o trabalho exige reflexão mais profunda, pois afeta questões mais complexas do que a mera identificação daquilo que descontenta o profissional. Para que se tenha uma visão mais abrangente dessa realidade, algumas perguntas devem ser feitas, como por exemplo:

- *a insatisfação é com o meu trabalho ou com a minha vida?*
- *a insatisfação é com o meu trabalho ou com alguma área da minha vida que afeta minha percepção de tudo o mais?*
- *a insatisfação é com o trabalho, com o ambiente de trabalho, com as pessoas com quem trabalho, ou mais precisamente, existe um aspecto específico com o qual não estou satisfeito?*
- *meu desejo é mudar de emprego ou de carreira?*
- *os fatores que geram minha insatisfação dizem respeito a essa experiência de trabalho ou estão presentes em todo e qualquer ambiente profissional?*
- *o que me desgosta é algo superável ou tem a ver com algo inerente à experiência profissional?*
- *quantas pessoas ao meu redor, no mesmo ambiente e contexto, compartilham da minha insatisfação?*
- *a insatisfação é com o meu trabalho ou comigo mesmo?*

## VERDADES SEJAM DITAS

As reflexões a respeito da insatisfação no trabalho podem ser melhor elaboradas quando considerados cinco mitos que oprimem todo profissional.

### Mito 1

#### **O TRABALHO É A MATRIZ DA SATISFAÇÃO**

A sociedade contemporânea organizada e estratificada a partir das funções sociais, notadamente profissionais, coloca nas costas do trabalho a responsabilidade de gerar, promover e sustentar uma vida satisfatória. Em tempos não

muito remotos, a satisfação, ou sensação de contentamento com a vida, dependia de uma crença religiosa, dos vínculos afetivos no contexto da família, paixão por causas nobres, ou mesmo aquela satisfação própria de quem não precisava se perguntar se estava satisfeito, dada a simplicidade e estreitos horizontes de possibilidades na vida.

O advento da economia de mercado e da sociedade de consumo, e sua conseqüente afirmação de que é possível deixar a família e o campo para se tornar alguém rico, importante e poderoso na cidade grande, deslocou a(s) matriz(es) de satisfação para as atividades que não apenas conferem status social, como também se constituem fontes de riqueza financeira. Por essa razão, o trabalho aos poucos foi ocupando o centro da vida de muita gente.

As implicações do desmascaramento desse mito são pelo menos duas, a saber: assim como não é apenas o trabalho o fator determinante de uma vida satisfatória, também não é apenas ele necessariamente o único culpado por uma vida infeliz. Em outras palavras, além do trabalho, busque outras fontes de satisfação na vida. E também, caso esteja insatisfeito, investigue as dimensões mais abrangentes de sua vida, pois acabará descobrindo que o vilão dos seus dias não está relacionado à sua vida profissional.

A constatação dessa combinação de fatores para a satisfação pessoal também é dupla: quem não tem uma vida satisfatória fora do trabalho, não será satisfeito no trabalho, mas mesmo quem não é satisfeito no trabalho pode ter uma vida satisfatória. Tudo depende do fator determinante da satisfação.

## Mito 2

### **VOCÊ FEZ ALGUMA COISA ERRADA**

Muitas pessoas vivem oprimidas pela suspeita de que fizeram uma escolha errada no passado. Talvez você seja uma delas. Essas pessoas dizem coisas como: “eu me casei errado”, “escolhi a profissão errada”, “estudei na universidade errada”, “aceitei (ou rejeitei) uma proposta errada”, e outras. Isso é possível, e muitas pessoas de fato o fizeram, mas isso não explica todos, nem explica tudo.

As coisas na sua vida não necessariamente estão do jeito que estão porque em algum lugar do passado você escolheu o caminho errado. As configurações da vida que respondem pela nossa satisfação ou insatisfação dependem muito mais da maneira como fizemos a jornada do que do caminho que escolhemos seguir.

A sombra de uma eventual decisão errada no passado pode ser um fardo demasiado, especialmente porque nos deixa com a sensação constante de estarmos vivendo a vida errada, como se a vida que temos não fosse nossa, não nos pertencesse, e não fosse a que deveríamos estar vivendo. Tais pressuposições não apenas nos impedem de desfrutar a vida, como também nos paralisam sob o medo de novas decisões eventualmente erradas.

A verdade é que, sim, em algum momento tomamos decisões erradas ou pelos menos decisões das quais nos arrependemos. Mas não há qualquer garantia de que a alternativa que descartamos no momento da decisão no passado nos levaria a uma vida mais satisfatória do que a que temos hoje.

### **Mito 3**

#### **VOCÊ TEM QUE SER ALGUÉM NA VIDA**

A idéia de que todo mundo pode se tornar um sucesso, bastando descobrir o talento e somar a isso muito trabalho e muita sorte, é mentirosa. “O trabalhador satisfeito ainda é um evento errático e anômalo, não menos imune às técnicas de pecuária industrializada do que uma trufa”, disse Alain De Botton.

Max Weber disse que uma personalidade como a de Goethe aparece de mil em mil anos. Discutindo a respeito de quem foi melhor, Pelé ou Maradona, o jornalista Milton Neves chegou a dizer que Maradona é um jogador tão extraordinário, que aparece um a cada 100 anos. Já o Pelé, disse ele, é do tipo que aparece de nunca mais em nunca mais.

A marca da genialidade é rara. A maioria de nós, apesar de profissionais competentes e bem sucedidos, jamais sairemos do anonimato nem protagonizaremos feitos extraordinários. Teremos feito nosso trabalho com eficácia e eficiência, e ainda assim seremos o que se convencionou chamar de “zé ninguém”. Mas o mundo está cheio de “zés ninguém”, que com o seu trabalho fizeram o mundo não apenas mais sustentável como também mais belo.

É necessário perguntar se a insatisfação com o trabalho não está baseada na tirania do sucesso, como se faltasse alguma coisa, um pequeno detalhe ou um degrau a mais na escada da realização plena. Muitas pessoas passam a vida esperando um acontecimento mágico, uma obra sublime, uma oportunidade de ouro, ou o desenvolvimento de um projeto que definitivamente fará com que “se tornem alguém na vida”. São razoavelmente comuns afirmações do tipo “dessa vez acertei a mão”, “agora vai dar certo”, “finalmente encontrei o caminho para fazer o que sempre sonhei”, quando na verdade a maioria dos que assim se expressam estejam fazendo algo muito positivo de suas carreiras profissionais e contribuindo significativamente para o bem comum.

Evidentemente, a ambição, desejar mais, é saudável. Condenável é a ganância, o querer apenas para si e a qualquer preço. Como nos ensina o ditado popular, o bom é inimigo do melhor. Mas também é verdade que o ótimo pode se tornar um implacável inimigo do bom e do muito bom.

### **Mito 4**

#### **A SATISFAÇÃO DOS DESEJOS EXPLICA A VIDA FELIZ**

Existem também pessoas que acreditam que suas vidas serão satisfatórias quando realizarem um sonho ou atenderem aos clamores de um desejo. Estabelecem metas, fazem

planejamentos e se dedicam intensamente a alcançar um objetivo, acreditando que a posse do objeto do desejo resultará em uma satisfação perene. O psicanalista Contardo Calligaris ajuda a esclarecer o quanto as promessas de realização pessoal embutidas nos desejos podem se constituir um fator de insatisfação na vida.<sup>2</sup>

“Um jovem não sabe o que ele está a fim de fazer da vida, e os pais pedem que eu descubra qual é o desejo do filho, de modo que ele possa escolher o vestibular e a profissão que ele ‘realmente’ gostaria.

Na mesma semana, encontro um adulto que acha que, de fato, nunca fez nada por desejo. Embora bem-sucedido, queixa-se de que suas escolhas (profissionais e amorosas) sempre teriam sido circunstanciais, efeitos de oportunidades encontradas ao longo do caminho. Ele pede, antes que seja tarde, que eu o ajude a descobrir qual é ‘realmente’ o seu desejo.

Nos dois casos, o pressuposto é o mesmo: quem viver segundo seu desejo será, no mínimo, mais alegre. Esta é mesmo uma boa definição da alegria: a sensação de que nosso desejo está engajado no que estamos fazendo, ou seja, de que nossa vida não acontece por inércia e obrigação. Inversa e logicamente, muitos estimam dever sua (grande ou pequena) infelicidade ao fato de terem dirigido a vida por caminhos que - eles declaram - não eram exatamente os que eles queriam.

Pois bem, esse pressuposto e os pedidos que recebi se chocam com esta constatação: o “nosso desejo” nunca é UM desejo definido por UM objeto ou por UM projeto. Não existe, nem escrito lá no fundo escondido de nossa mente, UM querer definido, que poderíamos descobrir e, logo, praticar com afinco e satisfação porque estaríamos fazendo aquela coisa ou caçando aquele objeto aos quais éramos, por assim dizer, destinados. Nada disso: de uma certa forma, todos os objetos e os projetos se valem, e nenhum é “nosso” objeto ou projeto específico. Ou seja, nós desejamos sempre segundo as circunstâncias, os encontros, as oportunidades - segundo as tentações, se você preferir.

Somos volúveis? Nem tanto, pois cada objeto e projeto não substitui necessariamente o anterior. O que acontece é que desejar é uma atividade inventiva a jato contínuo.

Por consequência, mesmo quando estamos alegremente convencidos de estar fazendo o que queremos com nossa vida, nunca estamos ao abrigo do surgimento de desejos novos.

Moral da fábula: 1) Não existem vidas definitivamente resolvidas, pois novos desejos surgem sempre; 2) É bom reconhecer os novos desejos, mesmo que deixemos de realizá-los.”

---

2- CALLIGARIS, Contardo. *Considerações sobre novos desejos*. FOLHA DE S. PAULO – Ilustrada, Edição de 19 de maio de 2011.

## Mito 5 SEU TRABALHO É SUA VIDA

Jonathan Alpert é o psicoterapeuta mais badalado de Wall Street.<sup>3</sup> Atende corretores, operadores e gerentes de fundos, enfim, os homens que controlam o sistema financeiro americano, profissionais que convivem com pressões intensas e acabam desenvolvendo todo tipo de fobias por causa disso. “Para aguentar a pressão, normalmente abusam de drogas. Só conseguem dormir depois de uma cartela de tranquilizantes. Pegam pesado no Valium. E só acordam com uma carreira de cocaína. Para se divertir nas festas, precisam de uma dose de álcool. Eles querem sentir a mesma adrenalina que rola no trabalho também depois do expediente. E a cocaína se encaixa com a personalidade deles. É a mesma euforia. Mantém o ritmo, ajuda a encarar mais um dia de pressão. Sem contar a sensação de andar no limite, de colocar a vida em risco. Assim, acabam com a saúde. Mas, no fim das contas, estão ganhando muito dinheiro”, comenta Alpert.

Os poderosos de Wall Street, na década de 1980 eram símbolos do homem de sucesso, começaram a entrar em decadência a partir dos anos 90, e hoje, depois da crise de 2008, têm seu prestígio arranhado e sua reputação descendo pelo ralo. Mas continuam ícones de uma visão a respeito da relação vida e trabalho, a saber: não existe fronteira entre vida e trabalho, aliás, não existe vida, somente trabalho, e o trabalho deve prover adrenalina 24 por 24, sete dias por semana.

Para fugir dessa armadilha, Judith Mair, fundadora da agência de publicidade *Mair u.a.* [Mair entre outros], em Colonia, na Alemanha, recomenda que se faça a distinção entre trabalho e vida, comparando o trabalho a um jogo. “Todo jogo pressupõe que o jogador esteja ciente de que está jogando, e, desse modo, que há regras, modos de comportamento e motivos que fora do jogo não têm ou só tem validade limitada”, diz Mair. “Em outras palavras: somente a separação entre o jogo e o mundo efetivo e real torna possível que o jogo se torne jogo”. Isso implica que “o trabalho não deve fornecer de uma vez ao funcionário tudo aquilo que ele anteriormente precisou procurar com esforço na vida normal”.<sup>4</sup>

Mair vai mais longe. Observa que “o funcionário encontra-se atualmente em uma situação desagradável: quem não tem prazer permanente no seu trabalho, ou o considera uma obrigação incômoda ou um sacrifício, é digno de compaixão e chamado a refletir sobre si e suas idéias acerca do trabalho: está em mim? É o trabalho? Está me faltando o desafio? Será que eu teria mais prazer em outra empresa? Por que será que o colega X sempre se lança ao trabalho com humor e esbanjando alegria?”

A solução sugerida para esse dilema é simples: prazer é prazer, trabalho é trabalho. Somente poucos profissionais

3- Para saber um pouco mais a respeito de Jonathan Alpert, visite: <http://jonathanalpert.com>

4- MAIR, Judith. *Chega de Oba-Oba*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

conseguem viver a experiência de trabalho e prazer intensamente misturados. Trabalho exige “aplicação, perseverança, disciplina e produção, coisas que não implicam necessariamente prazer e, em geral, até mesmo evitam-no e o excluem. O prazer não é uma característica central dos processos de trabalho”, conclui, citando o sociólogo organizacional Stefan Kühl.

## O FATO É, EU NÃO AGUENTO MAIS

Imaginemos que você tenha feito toda a lição de casa e concluído que a sua vida está minimamente organizada e que a única peça fora do lugar é sua atividade profissional. Considere também a hipótese de que você nem mesmo saiba o que deseja fazer, isto é, a única coisa que você sabe é o que não quer, e o que não quer é continuar sua vida profissional nos termos atuais.

Quais são suas possibilidades? Provavelmente são quatro: sua transformação pessoal; a transformação de sua dinâmica de trabalho; a mudança de emprego; a mudança de carreira.

## VOCÊ PODE MUDAR

Resiliência é uma palavra que entrou no vocabulário do mundo do trabalho há pouco tempo. Pode ser definida como “a capacidade humana de enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”.<sup>5</sup> Também pode ser compreendida como “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de adversidade”.<sup>6</sup>

Resiliência descreve a experiência do psiquiatra Viktor Frankl durante os anos em que sofreu as condições mais cruéis de desumanização e sofrimento nos campos de concentração da Alemanha nazista. Sua obra *Em busca de sentido* desenvolve a Logoterapia, considerada a Terceira Escola Vienense de Psicanálise, depois da Psicanálise de Freud e da Psicologia Individual de Adler.

Frankl defende que mesmo na mais extrema adversidade o ser humano deve encontrar uma razão para viver baseada em sua dimensão espiritual. Sua recomendação é simples e prática: “quando a situação é boa, desfrute-a; quando a situação é ruim, transforme-a; quando a situação não puder ser transformada, transforme-se”.

Para quem vive contextos inevitáveis de adversidade é imperativo desenvolver a resiliência, isto é, “buscar a adaptação positiva” e se comprometer a “encarar, vencer e ser fortalecido”. A transformação de si mesmo depende da capacidade desenvolvida de encarar as forças contrárias não como ameaças, mas como oportunidades.

5- GROTBORG, Edith Henderson. *Novas tendências em resiliência. In: Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.* Porto Alegre: Artmed, 2005.

6- INFANTE, Francisca. *Resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.* Porto Alegre: Artmed, 2005.

## AS COISAS PODEM MUDAR

O fatalismo nunca foi uma boa filosofia de vida. Acreditar que as coisas sempre foram como se apresentam ou que o mundo será sempre do mesmo jeito é uma postura que justifica a covardia e a irresponsabilidade. O rabino Jonathan Sacks comenta que Deus criou o mundo natural, mas deixou o universo social sob nossa responsabilidade. As estruturas naturais do universo fogem às nossas possibilidades, competências e atribuições. O mundo existia antes de chegarmos aqui. Ele nos precede. E durará muito tempo depois da nossa morte. Por isso não somos chamados a definir a rota das estrelas nos céus, a altura dos picos das montanhas ou a intensidade do calor do sol. Mas ao mesmo tempo, o universo não é resultado de forças impessoais. A tradição judaico cristã acredita que “Deus criou o universo como pais concebem um filho, agindo não cegamente, mas por amor”. De acordo com esta ótica, nós não somos insignificantes, nem sozinhos. Estamos aqui porque alguém assim o determinou, desejou que existíssemos, alguém que conhece nossos pensamentos mais profundos, que nos valoriza em nossa singularidade, que inspira e expira conosco, em cujos braços descansamos – alguém em quem e através de quem estamos conectados a tudo o que existe”,<sup>7</sup> diz Sacks.

A tradição judaico cristã ensina que o que nos determina não é a fatalidade do cosmos impessoal, mas a identidade de um Deus pessoal, que nos faz co-responsáveis por seu universo criado: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou, e lhes disse: ‘Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra!’ [...] O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo”. [Gênesis 1:27-28; 2.15]. Daí deduzimos que “trabalhar é cooperar com Deus para colocar ordem no caos”. Não importa se o caos está dentro de você, na sua casa, na sua cidade, ou na sua mesa de trabalho. O que importa é que você não pode lavar as mãos e deixar que o caos prevaleça sem que você lhe ofereça resistência.

## A EMPRESA ERRADA

É possível, sim, que você esteja na empresa errada e que a porta de saída de sua insatisfação com o trabalho seja a busca de um outro emprego.

Mais uma vez somos ajudados por Max Gehringer, que lista sete sinais de que você está na empresa errada.

1. *Você está fazendo um trabalho abaixo de sua capacidade ou abaixo de sua formação. Não há desafios e a rotina faz com que todos os dias pareçam iguais.*

7- SACKS, Jonathan. *Uma letra da Torá*. São Paulo: Sêfer, 2002.

2. *Seus colegas de trabalho vivem formando grupinhos e você é sempre excluído deles. Quando três ou quatro colegas começam a cochichar, você fica com a impressão de que eles estão falando de você.*
3. *Seu chefe não reconhece suas habilidades. Se você faz alguma coisa bem feita, ele não elogia. Se você propõe algo novo, ele não escuta. Se você sugere alguma mudança, ele diz que vai pensar e nunca mais volta ao assunto.*
4. *Você trabalha em um setor que tem pouca visibilidade ou pouca importância dentro da empresa. Tudo o que acontece de novo ou de bom, acontece nas outras áreas.*
5. *Você trabalha em uma empresa que não parece preocupada com o futuro. Sua impressão é a de que o plano estratégico de sua empresa só tem uma frase: vamos deixar tudo como está.*
6. *Você ganha menos do que merece.*
7. *Seus amigos que trabalham em outras empresas sempre têm boas histórias para contar. Parece que eles se divertem trabalhando. Por isso, toda vez que um papo deriva para o tema “trabalho”, você imediatamente tenta mudar de assunto.*

Gehring diz que “é altamente provável que qualquer profissional consiga enxergar 2 desses 7 sinais na empresa em que trabalha. E um deles, invariavelmente, será o salário. Isso é positivo, porque mostra que o profissional não se acomodou.

Quem enxerga entre 3 e 5 desses sinais no trabalho atual, não precisa se desesperar. Isso quer dizer que há outras empresas melhores no mercado. E que partir para outra opção será mais proveitoso para a carreira do que ficar se torturando ou sendo torturado.

Mas quem encontrou entre 6 e 7 sinais, precisa parar, refletir com muito cuidado e reavaliar o julgamento que está fazendo. Porque nesse caso existe uma enorme chance de que o problema esteja na própria pessoa e não na empresa.”

## **QUATRO TIPOS DE TRABALHO**

Para quem está insatisfeito com o trabalho, a primeira alternativa de solução é mudar a si mesmo, reinventar-se, transformar a atitude em relação ao trabalho. A segunda é engajar-se em processos de mudança dentro da empresa e tentar afetar positivamente seu ambiente e a dinâmica do seu trabalho. A terceira é mudar de emprego. E a quarta é a mudança radical, que exige uma correta compreensão da distinção entre ocupação, emprego, carreira e vocação.<sup>8</sup>

Ocupação é o que a gente faz apenas por dinheiro. Ocupação é o que você faz porque precisa levar comida pra casa. Ocupação é qualquer atividade que você desenvolve

8- Extraído e adaptado de *Vivendo com propósitos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

em troca de remuneração, mesmo que tal atividade não tenha nada a ver com seu gosto pessoal ou talento. Ocupação é vender limão na esquina mesmo se você é engenheiro formado. Ocupação é costurar no atelier da sua vizinha mesmo se você é economista com pós-graduação na Inglaterra. Ocupação é atuar como frentista de posto de gasolina ou ascensorista nos prédios velhos do centro urbano mesmo se você já foi um empresário bem sucedido. Ocupação é prestar todo e qualquer serviço digno, ainda que incompatível com sua preferência, formação ou talento, quando você não tem outra alternativa honesta para levar para casa o pão de cada dia ou não possa mais esperar aquela oportunidade que combina melhor com você.

Emprego é o ambiente onde alugamos nossas competências, conhecimentos, experiências e talentos. No emprego, cooperamos para que o empregador alcance seus objetivos em troca de uma remuneração que nos permite correr atrás dos nossos objetivos após o expediente. Isso explica o sujeito que trabalha como caixa de banco, mas se dedica voluntariamente num projeto de apoio a crianças especiais, ou aquela senhora que é vendedora de produtos de beleza, mas que gosta mesmo é de fazer docinhos e salgadinhos para as festas aos finais de semana no seu bairro. Ela vive dizendo ao marido que seu sonho é ter uma cozinha maior e que no dia que isso acontecer ela para de vender cosméticos e fica o tempo todo cozinhando, o que os vizinhos e os parentes vão adorar. Ela é uma boa vendedora de produtos de beleza, assim como é boa vendedora de docinhos e salgadinhos. Mas o que ela prefere mesmo é cozinhar.

Carreira é quando desenvolvemos uma atividade compatível com nosso talento, num contexto cujos objetivos estão alinhados com os nossos próprios objetivos. Carreira é o que faz a professora que, após o expediente, passa horas na biblioteca ou o médico que, ao chegar em casa, espera todo mundo dormir para mergulhar na Internet em busca de informações que possam ajudar no diagnóstico daquele paciente cujo caso foi discutido pela manhã no hospital. Caso você pergunte para aquela senhora dos docinhos e salgadinhos se ela quer parar de vender cosméticos a resposta será sim. Isso quer dizer que vender cosméticos é para ela um emprego. Mas se você perguntar para aquele médico se ele quer deixar suas atividades no hospital ele vai dizer que não. Isso significa que ele tem uma carreira. Ocupação é quando você faz mesmo o que não sabe, e que se justifica apenas pela remuneração. Emprego é quando você faz o que sabe, mas a prioridade é a remuneração. Carreira é quando você faz o que sabe, é remunerado para fazer, mas a prioridade não é a remuneração, mas o exercício e a disponibilidade das competências.

Mas, e a vocação? Vocação é o que você é, independentemente do que você faz. Imagine uma mulher de pouco mais de quarenta anos, que sai logo cedo para trabalhar. Ao sair do elevador ela cumprimenta sorridente as faxineiras do edifício

onde mora, sabe o nome das pessoas que estão no ponto de ônibus todo dia no mesmo horário, conversa com o zelador do prédio onde trabalha, leva a receita do bolo que prometeu para a mulher do caixa do supermercado onde, na volta para casa, compra algumas coisas para o jantar, e quando entra em casa parece que abriram uma janela de cara para o sol. Isso é vocação: um talento exercido todo o tempo, em todo lugar, a serviço de todo mundo. Por isso é que a vocação é uma extensão do que você é, e não apenas o que você faz.

## VIRADA

Na Avenida Paulista, em São Paulo, existiu durante muitos anos uma lanchonete chamada *O engenheiro que virou suco*. Provavelmente motivado pelas dificuldades para arrumar um emprego, aquele sujeito resolveu dar um pontapé em seu diploma de engenharia e ganhar a vida fazendo algo que não tinha nada a ver com sua formação acadêmica. Alguns seguem esta trilha em resposta às dificuldades no competitivo mercado de trabalho, mas acredito que muita gente poderia fazer o mesmo caminho: reinventar a carreira e a atividade profissional.

Cliff Hakim é um consultor que se dedica a atuar como orientador pessoal para aqueles que desejam uma renovação de suas vidas para que consigam expressar o melhor de seus talentos. Em 1994, publicou *We are all self-employed* (Todos trabalhamos por conta própria) e, através de sua consultoria, Rethinking Work®, vem desenvolvendo o conceito de “auto-emprego”, ou o que chama de “self-employed attitude”, o que quer dizer que, em última instância, querendo ou não, você é seu chefe. “Pessoas bem sucedidas”, afirma, “precisarão trabalhar em dois empregos: um que emita um contra cheque e outro em que gerenciem suas próprias carreiras”. Para isso precisam desenvolver a “atitude de autônomo”, quer estejam trabalhando para os outros ou abrindo um negócio para si mesmas.

O tempo do paternalismo acabou. A conversa de que “minha empresa não me dá oportunidade de crescer” ou “neste meu emprego não consigo desenvolver o melhor do meu potencial”, deve ser substituída por uma atitude pró-ativa em que você toma nas mãos a responsabilidade pelo seu futuro profissional. De acordo com H. Jackson Brown, autor de *A Father's Book of Wisdom*, “o maior erro que você pode cometer é acreditar que trabalha para outra pessoa”.

## O APÓSTOLO FAZEDOR DE TENDAS

A Bíblia conta a história de um homem que enfrentou dilemas em relação ao seu trabalho: Paulo de Tarso. A maneira como ele enfrentou esses dilemas pode nos ajudar muito a lidar com nossas insatisfações profissionais.

A profissão de Paulo era de fabricante de tendas. Mas sua profissão era apenas uma ocupação. Na verdade, ele estava absolutamente consciente de sua vocação como apóstolo de

Jesus Cristo [Atos 18.1-5]. Sabia que sua vida somente teria valor caso cumprisse sua vocação: *“não considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus”* [Atos 20:24].

A maneira como Paulo resolveu os conflitos entre sua profissão-ocupação foi simples. Sempre que possível, dedicava-se exclusivamente à sua vocação. Quando necessário, dedicava-se parcialmente à sua vocação, enquanto trabalhava fabricando tendas para garantir a remuneração suficiente para pagar as suas contas. Paulo não era determinado pela necessidade de ser um sucesso, ou acumular riquezas, ou ter um emprego rentável e excitante. Sua única ambição era cumprir sua vocação. Foi assim que, apesar de todas as adversidades que enfrentou, chegou ao fim da vida não apenas com saúde emocional e espiritual, mas também realizado.

Paulo de Tarso ressignifica a sabedoria de Cliff Hakin: o profissional cristão não trabalha para si mesmo, nem para aquele que lhe oportuniza um emprego ou uma carreira. O profissional cristão trabalha para Jesus Cristo: *“Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo”* [Colossenses 3:23-24].





**Local e mais informações:**

Igreja Batista de Água Branca | Rua Robert Bosch, 116  
Barra Funda | 01141-010 - São Paulo - SP

[fcp@ibab.com.br](mailto:fcp@ibab.com.br) | [www.forumcristaoprofissionais.com](http://www.forumcristaoprofissionais.com)

[twitter.com/forumcristao](https://twitter.com/forumcristao)

[facebook.com/forumcristao](https://facebook.com/forumcristao)